

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**IAGO COUTO PASSOS SILVA**

**INSERÇÃO DO NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO: A RELEVÂNCIA DO C. R.  
VASCO DA GAMA CONTRA O RACISMO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO  
XX**

**SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BA  
2023**

<sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

**IAGO COUTO PASSOS SILVA**

**INSERÇÃO DO NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO: A RELEVÂNCIA DO C. R.  
VASCO DA GAMA CONTRA O RACISMO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO  
XX**

Artigo apresentado à comissão examinadora designada pelo Colegiado de História da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas – Campus V, como parte das exigências para obtenção do grau de Licenciatura Plena em História.

Área de atuação:

Orientadora: Silvia Karla Almeida dos Santos

**SANTO ANTONIO DE JESUS – BA**

**2023**

<sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

## **INSERÇÃO DO NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO: A RELEVÂNCIA DO CLUBE DE REGATAS VASCO DA GAMA CONTRA O RACISMO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX**

Iago Couto Passos Silva

### **Resumo**

Discutir a questão racial no esporte é urgente, visto que, é debatendo mais sobre o racismo que se potencializa reflexões sobre a necessidade de dissolução das hierarquias baseadas no fenótipo, de modo a diminuir, cada vez mais, o número de atitudes racistas no futebol, em outros esportes ou em quaisquer esferas da vida de pessoas negras. Este artigo visa colaborar com o debate sobre a inserção de jogadores negros no futebol brasileiro. Nesse sentido, destacou-se o papel desempenhado pelo time do Club de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do Século XX. O preconceito racial ainda é patente e não foi superado pela sociedade brasileira, mesmo após a abolição da escravidão, assim, discussões acerca da discriminação racial se fazem necessárias para que a justiça e a equidade sejam asseguradas, independentemente da cor da pele do indivíduo. Para a elaboração desse artigo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, e aqui são enfocados subtemas que abrem um contexto fundamental para o tema pesquisado. Destaca-se, ainda, um evento que ficou conhecido como marco histórico para participação de jogadores negros no futebol brasileiro, nas décadas de 1920 e 1930, que foi a conhecida como “Resposta Histórica” do Vasco da Gama para uma proposta da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA), no ano de 1923. A realização desta pesquisa permitiu inferir que ainda está muito longe de esgotar a discussão acerca do tema, sendo necessário que novos trabalhos sejam realizados para somar à luta por um esporte e uma sociedade antirracista.

Palavras-chave: **Racismo no futebol; Clube Vasco da Gama; Carta-resposta; Inserção do negro**

### **Abstract**

Discussing the racial issue in sport is urgent, since it is debating more about racism that enhances reflections on the need for dissolution of phenotype based hierarchies, so as to increasingly decrease the number of racist attitudes in football, in other sports or in any spheres of the lives of black people. This article aims to collaborate with the debate on the insertion of black players in Brazilian football. In this sense, the role played by the team of the Club of Regatta Vasco da Gama, Rio de Janeiro, in the first decades of the twentieth century. Racial prejudice is still patent and was not overcome by Brazilian society, even after the abolition of slavery thus discussions about racial discrimination are necessary, so that justice and equity are ensured, regardless of the color of the individual's skin. For the elaboration of this article, a bibliographic research was conducted on the subject, and here are focused subthemes that open a fundamental context for the researched theme. Also noteworthy is an event that became known as a milestone for the participation of black players in Brazilian football, in the 1920s and 1930s, which was known as the “Historical Response” of Vasco da Gama for a proposal from the Metropolitan Association of Athletic Sports (SOFR), in 1923. The conduct of this 'Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

research allowed to infer that it is still far from exhausting the discussion about the subject, and new work is necessary to be done to add to the struggle for a sport and an anti-racist society.

Keywords: **Racism in football; Vasco da Gama Club; Answer letter; Black insertion**

## INTRODUÇÃO

O Brasil é conhecido mundialmente como “o país do futebol”. Acumulando cinco títulos mundiais, a seleção brasileira é a seleção que possui o maior número de títulos entre as nações que participam da Copa do Mundo de Futebol. O jogador brasileiro Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, é considerado um dos maiores ícones do futebol em todo mundo, além dele, o Brasil possui outros jogadores que ficaram mundialmente famosos por serem considerados jogadores exímios e cheios de habilidades com a bola nos pés. A história do futebol no Brasil não foi feita só de talentos, desde a chegada do futebol no Brasil, em 1894, até os dias atuais, o esporte que deu notoriedade ao Brasil é atravessado pelo racismo, uma severa ferida colonial. Nesse sentido, o presente artigo apresenta um breve histórico sobre o desenvolvimento do futebol no Brasil e a inserção de jogadores negros nessa modalidade esportiva, nas primeiras décadas do século XX. Aqui, retrata-se, também, a importância do Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, para que jogadores negros não fossem excluídos dos clubes de futebol brasileiro.

O Vasco da Gama contrariando as práticas que aconteciam, ao ser pressionado pela Liga de futebol, a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA), para que o clube destituísse os negros de sua equipe, sob pena de não participar dos principais torneios do Rio de Janeiro, em atitude corajosa, o time optou por ficar fora dos torneios e permanecer com sua equipe que tinha pobres, negros e favelados. Esse posicionamento foi um divisor de águas para a questão da participação de negros no futebol, entre os anos de 1920 e 1930. A resposta à proposta da AMEA foi dada através de um ofício, o qual ficou conhecido como “A Resposta Histórica”.

O futebol é, hoje, o esporte mais popular no Brasil, contudo nem sempre foi assim. Esse esporte, que teve sua origem oficializada pelos ingleses, passou por grandes transformações na própria Inglaterra, até chegar em terras brasileiras, importado junto com toda cultura capitalista

<sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

da época. Na Inglaterra o esporte era praticado, majoritariamente, pela classe operária, mas ironicamente esse esporte chegara anos depois ao Brasil para ser exclusivo das elites, deixando de fora as camadas menos abastadas do país, e nesse sentido, é importante destacar que o futebol chegou ao Brasil no final do Século XIX, em um contexto de pouquíssimo tempo da abolição da escravidão, ocorrida apenas 6 anos antes, em 1888.

O futebol no Brasil nasceu em um contexto elitista e racista, contudo, no decorrer das duas primeiras décadas do século XX, a prática desse esporte deixou de ser um nicho exclusivo das elites e foi, gradativamente, se popularizando entre as camadas pobres da população, aumentando, sistematicamente, a participação de negros no futebol. Nesse sentido, Mackedanz (2021, p. 12-13) evidencia que “Mesmo que os negros tenham se interessado pelo futebol logo nesses primeiros anos, eles tiveram que criar seus próprios clubes e disputar ligas de futebol menores, pois os principais clubes e ligas do país estavam restritos às classes mais abastadas. O escravismo e o racismo são indissociáveis no projeto colonial brasileiro, a dominação a partir do distintivo raça foi essencial para a manutenção das estruturas de opressão desde o seu início até hoje”.

Analisar a inserção do negro no futebol evidencia, também, tantas outras dificuldades e barreiras enfrentadas pelos negros, que sofreram com o racismo e a discriminação em vários setores da sociedade brasileira no início do século XX, ao passo que, também, ilustra como eles, com todas essas dificuldades, conseguiram enfrentar as barreiras impostas. Dito isso, esse estudo se soma ao legado de produção antirracista, sendo um suporte para combater o racismo e a discriminação na nossa sociedade atual que, infelizmente, ainda sofre com as várias consequências do preconceito racial.

Este artigo apresenta a Introdução, seguida da primeira seção que apresenta uma abordagem do futebol no Brasil, trazendo como subseção um breve histórico do futebol, bem como a eugenia social e o futebol, encerrando esta seção sobre o negro no futebol brasileiro. A segunda seção recorda a relevância do trabalho do time Club de Regatas Vasco da Gama acerca do futebol da classe popular no Brasil, seguindo de uma reflexão sobre a carta-resposta do Vasco, a denominada “Resposta Histórica”. Também, faz-se um adendo, no aspecto genótipo, sobre a discriminação da mulher no futebol, reforçando-se a ideia de minorias discriminadas. Seguem-se as Considerações Finais sobre a pesquisa. As fontes consultadas e referenciadas foram: Mackedanz (2021); Mackdanz et. all (2020); Mario Filho (2010); Del Priore (2009); Liparotti (2016); Campos; Moraes (2010); Ravagnani, et. all (2012); Rodrigues (2004); Guterman (2008); Pinto; Lima (2019); Hora (2022), Pereira; Azevedo (2021), dentre outros. <sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

Também, foram consultados o site da Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), o site do Museu do Futebol, bem como o site do CBJD – Código Brasileiro de Justiça Desportiva.

Espera-se que este trabalho de pesquisa venha fomentar reflexões acerca das atitudes preconceituosas que acontecem no meio futebolístico brasileiro.

## FUTEBOL NO BRASIL

O futebol é um esporte praticado por dois times de onze jogadores cada, que disputam uma bola, para levá-la ao campo adversário e fazer o gol, essa se tornou a prática esportiva mais popular do planeta. De acordo com a FIFA (2018, p. 53) “As partidas são disputadas por duas equipes compostas por no máximo de 11 jogadores cada, um dos quais jogará como goleiro. Nenhum jogo começará nem continuará se uma ou ambas as equipes tiverem menos de sete jogadores. O futebol moderno, possivelmente, tem suas origens ligadas a outro esporte praticado na China, há cerca de 5 mil anos, essa prática, porém, se modernizou na Inglaterra, durante o Século XIX. Nesse sentido, vale ressaltar que já existia entre muitos povos o costume de disputas e rituais com a bola ou, simplesmente, um objeto redondo, desde tempos remotos, nas várias regiões do planeta (LIPAROTTI, 2016).

Ao longo do tempo, o futebol foi se transformando no mundo inteiro e se tornou uma linguagem compreensível por todas as classes sociais, através de um conjunto de símbolos, gestos, mímicas, algo transformado em rituais. Ele tem regras, tempos e espaços limitados “*um verdadeiro microcosmos*” (CAMPOS; MORAES, 2010, p. 129). Estes mesmos autores evidenciam que o futebol modifica, temporariamente a rotina do cidadão, mas forma relações de renovações e também de negações da ordem em uma sociedade.

Sobre o futebol, Campos; Moraes (2010) ainda argumentam que:

Fascínio. Excitação. Obsessão. Ilusão. O comportamento de milhões de homens e mulheres diante do futebol e das mais diversas modalidades lúdicas revela uma situação que beira o paradoxo. A rigor, o futebol não produz nada, opõe-se ao trabalho e é essencialmente estéril. No entanto, ocupa lugar privilegiado nas sociedades industriais, regidas pela ideologia do trabalho e da produtividade. Trata-se de uma inutilidade saborosa, manifestação da frivolidade humana disseminada em todas as classes sociais. Uma inebriante sedução vinculada a uma sociedade lúdica (CAMPOS; MORAES, 2010, p. 129).

Como em todos os jogos que constituem uma disputa, o futebol segue regras oficiais que, reconhecidas como válidas no mundo inteiro, tais regras são reproduzidas em maior ou menor medida. A imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

menor grau e em todos os jogos desde que estejam sendo praticados, seja por crianças em algum campinho ou por adultos em disputas mundiais. Para o futebol, também é necessária uma figura de valor ímpar que é o árbitro ou juiz, o qual julga as jogadas de cada participante durante a partida, com autoridade para fazer valer as regras do jogo (FIFA, 2018). Existem na partida, também, dois assistentes do árbitro, chamados de “Bandeirinhas”, e, desde o ano de 2018, na Copa de Mundo, na Rússia, foi incluído mais um árbitro, assistente pelas câmeras, denominado de Árbitro Assistente de Vídeo (AAV) ou Video Assistant Referee (VAR). De acordo as regras da FIFA (2018, p. 72), “o VAR pode auxiliar o árbitro apenas no caso de um ‘erro claro e manifesto’ ou ‘incidente grave não percebido’”.

Conforme supracitado, é necessário mais de um árbitro para uma partida de futebol, que por ser um esporte de muita movimentação, o futebol exige muita preparação física, quando durante o jogo, os jogadores vivem dois momentos diferentes em campo: quando o jogador está com a posse da bola e quando ele está sem a posse da bola, este último constituindo 98% dos deslocamentos em campo, como afirmam Ravagnani, et. all (2012).

E o futebol age com vigilância para que seus jogadores estejam preparados fisicamente, pois se não for assim, a alta movimentação no campo vai deixá-los cansados facilmente: “No futebol, a vigilância classifica o atleta, seu ritmo de jogo, rendimento e sua capacidade de suportar os esforços nos treinamentos. É essa vigilância, essa disciplina que produz o jogador de futebol moderno nos clubes [...]” (ROFRIGUES, 2004, p. 08).

Vale ressaltar que, as remunerações que os jogadores recebiam, no “amadorismo marrom”, era conhecido como “bicho”, referindo-se ao pagamento com a doação de um animal vivo, se constituía na prática de pagamento não oficial aos jogadores, quando a cada jogo, o “cartola”, como era chamado o dono do clube e responsável por pagar aos jogadores, prometia um pagamento aos mesmos, depois do fim de cada partida, se eles jogassem bem e trouxessem a vitória. Esse pagamento, geralmente, era um animal que o cartola dava para os jogadores comer, criar e vender para obter lucros, daí nasce o nome “bicho”. Mesmo assim, nada era oficial e o cartola só pagava aos jogadores o que ele achava que deveria pagar, se o mesmo não desejasse pagar nada, assim o fazia. Essa prática, no Brasil, foi comum por muito tempo e muitos jogadores se rebelaram contra isso, inclusive muitos foram para outros países para se tornarem profissionais. E os times grandes começam a ceder seus espaços para os negros jogarem, mas com uma ressalva: eles seriam apenas empregados do time, sem os mesmos privilégios que os sócios dos times tinham, no caso dos jogadores antes do profissionalismo, composto por brancos pertencentes a elite (MÁRIO FILHO, 2010).

<sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

Confirmado conforme aponta Pinheiro (2013):

A nomeação “bicho” remonta a prática exercida no clube Vasco da Gama, na década de 20, em que os financiadores do time gratificavam os jogadores com uma vaca [...]. Essa era uma das formas dos clubes conseguirem manter seus jogadores e, geralmente, atrair jogadores de outros times, processo que foi denominado pelo historiador Fábio Franzini (2003) de amadorismo marrom ou semiprofissionalismo e até “profissionalismo dissimulado” (PINHEIRO, 2013, p. 04).

Com o pagamento desses “bichos” que alguns clubes ofereciam aos seus jogadores quando conquistavam uma vitória, com a competitividade que crescia no desenvolvimento do futebol, a movimentação de dinheiro em seu entorno e ofertas de emprego, tudo isso foi fazendo com que esse esporte tivesse a atração das pessoas de baixa renda, dos jogadores que passavam dificuldades financeiras com sua família (PEREIRA; AZEVEDO, 2021).

Nem sempre o futebol foi o esporte mais popular do Brasil. Esse esporte passou por modificações ainda na Inglaterra, onde nasceu da divisão de um jogo em dois esportes diferentes, o “*Rúgby Football Union*” ou simplesmente “Rugby” e o “*Football Association*” ou “soccer”. O Rugby é um tipo de esporte coletivo de intenso contato físico e permite o contato com as mãos, ao conduzir a bola até chegar ao objetivo final, já o Soccer prioriza mais a habilidade dos jogadores com a bola nos pés e não permite o uso das mãos, exceto os goleiros para conduzir a mesma (DEL PRIORE, 2009).

O Soccer era mais acessível às classes pobres inglesas, por se tratar de um esporte que dava ênfase à habilidade com os pés e ao espírito coletivo, coisa que os operários já estavam habituados a fazer nas fábricas, o trabalho em equipe. No Rugby, no entanto, os pobres, muitas vezes franzinos, não tinham condições de disputar com os mais ricos com uma alimentação melhor e uma musculatura corporal muito maior que permitia aos mesmos se deslocar com a bola nas mãos e ir ao confronto de adversários, também musculosos, que não evitavam o contato físico mais forte com agarrões e puxões, coisa que no Soccer não era permitida (DEL PRIORE, 2009).

O Futebol chega ao Brasil através dos pés dos filhos da elite brasileira que, ao voltar de colégios e universidades europeias, trazem a novidade, e essa mesma elite tinha a Europa como referência e copiavam seus costumes e, assim, como tantos outros, o futebol foi mais um importado dos ingleses e da Europa aos brasileiros. Vale destacar que o período ao qual se encontram os primeiros *sport men* brasileiros de futebol se dá perto da passagem do Século XIX para o XX, quando nesse período, o Brasil ainda vivia o recentíssimo pós-abolição e já

<sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

havia se tornado República em tempo muito curto, tudo nesse período ainda era novo e os cenários anteriores estavam mudando bruscamente (DEL PRIORE, 2009).

Charles Miller, em 1894, iniciou em São Paulo o movimento de reunir jogadores para o futebol e formar uma equipe. Conforme aponta Guterman (2009), Oscar Cox, no ano de 1901, também trouxe para o Rio de Janeiro uma bola e um uniforme do Soccer com as chuteiras e, a partir dali, decidiu juntar jogadores e formar times. Eles foram os dois estudantes pioneiros que trouxeram o futebol da Europa (MACKEDANZ, 2021) o que é confirmado por Mauricio Murad (1996, p. 96, apud GUIMARÃES; GUIMARÃES, 2019, p. 06): “Charles Miller é considerado o fundador do Football Association, no Brasil. “Verdadeiro bandeirante”, Charles Miller abriu caminhos, conquistou simpatias, formou times e trabalhou incansavelmente para a implantação do futebol no Brasil”.

Os primeiros brasileiros a jogar futebol no país se encontravam no Rio de Janeiro, até então capital do país, e em São Paulo, principal centro econômico na época, portas abertas para que o capitalismo abraçasse o futebol no nosso país. De acordo com Guterman (2009), o futebol foi progredindo como um esporte de preferência popular, e, quase que como um combinado, os times iam nascendo e se desenvolvendo, e, com o passar do tempo, começa a atrair curiosos e marcar confrontos entre bairros, cidades e estados. Porém, mesmo os primeiros times sendo formados por sujeitos da sociedade que pertenciam à elite, isso não impediu que começassem a surgir times em fábricas, formados por funcionários, a exemplo do que era visto na Inglaterra.

Muitos times eram formados por filhos de imigrantes ingleses e de outras regiões da Europa, mas os brasileiros iam se aventurando no novíssimo esporte. Dentre esses brasileiros, se encontravam poucos negros ou quase nenhum, como era o caso do time The Bangu Athletic Clube, formado, majoritariamente, por funcionários com descendência inglesa e um único brasileiro que era negro, algo que na época dificilmente era visto, pois os clubes todos eram formados por brancos da alta sociedade que trabalhavam e eram vistos como cidadãos (GUTERMAN, 2009).

Mário Filho (2010) afirma que o crescimento desse esporte se deu muito pela organização dos campeonatos e pelo fato de as grandes equipes serem verdadeiros clubes da elite, onde se encontravam vários eventos, desde bailes a eventos em mansões, além dos estádios de futebol, estes que contribuíram, enormemente, para o crescimento do esporte. Nesse ínterim, o estádio permitia não só o encontro das equipes, mas também, de seus torcedores e da rivalidade entre eles, assim como o acesso de um novo elemento ausente no início da prática, a

<sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

presença de torcedores sem colarinho, ou seja, as classes mais pobres das cidades começam a ter acesso ao futebol, também.

O futebol, no Brasil, é considerado uma paixão nacional, tamanho amor e atenção que ele desperta nos torcedores, que são de todas as raças, de todos os gêneros, de todas as idades e de todas as classes sociais.

## A EUGENIA SOCIAL E O FUTEBOL

Ao falarmos de *raça* é importante destacar que não se trata meramente de uma categorização biológica, mas de um conceito histórico e sociocultural desenvolvido pela hegemonia europeia e utilizado por séculos para justificar a escravização e o imperialismo sobre os outros povos. Reconhecidamente, as diferenças entre os fenótipos são fundamentais para se pensar raça, em como este conceito está posto na nossa sociedade. Segundo Gomes (2010, p.13) “as raças são compreendidas como construções sociais, políticas e culturais produzidas no contexto das relações de poder ao longo do processo histórico”, ou seja, o modo como lidamos com a *raça* foi historicamente construído e é isso que determina como agimos e sentimos em relação aos indivíduos na sociedade.

As diferenças fenotípicas que existem entre os grupos fazem parte da diversidade humana, elas são naturais e isso não se constitui como um problema, contudo existe um processo social que transforma essa diferença biológica em uma desigualdade. A cor da pele e as características físicas são facilmente identificadas e hierarquizadas, isso faz delas marcadores poderosos, conforme destaca Munanga (2004, p. 6):

Podemos observar que o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. [...] o conceito de raça é determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam.”

Ainda sobre o conceito de raça, Munanga (2022) afirma que na Idade Medieval esse conceito foi designado para classificar classes sociais diferentes, passando, após o Iluminismo, a classificar os grupos diversificados, com características iguais, a começar pela cor da pele, seguido de outras características físicas em comum, tendo sido a humanidade dividida em três raças: branca, preta e amarela. Com isso, os europeus se utilizaram dessa classificação para hierarquizar as raças, colocando a branca como raça superior, observando a cor da pele, o

<sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

formato do crânio, do nariz, dentre outros detalhes, o que para os europeus, essas características tornava a raça branca mais bonita, mais inteligente, mais inventiva, mais honesta, assim, mais apta para dominar as outras raças.

O racismo é o resultado direto da hierarquização das raças, definido por Alves (2021), como um modo sistêmico de discriminação, utilizando a raça como base, o que é feito por atitudes conscientes ou inconscientes, o que gera tanto prejuízos como benefícios, a depender da raça a qual a criatura pertença. Corroborando, Munanga e Gomes (2004), definem racismo como:

[...] um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação às pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como cor da pele, tipo de cabelo, formato de olho etc. Ele é resultado da crença de que há raças ou tipos humanos superiores e inferiores, a qual se tenta impor como única e verdadeira.

As teorias de Charles Darwin, no século XIX, sobre a Origem das Espécies pela Seleção Natural deram base a outras teorias que disseminaram a ideia de que existe a superioridade de uma espécie sobre outra, inclusive sendo criada a expressão “sobrevivência dos mais aptos”. Nesse contexto, no campo da recém-formada Sociologia, surgiu o Darwinismo Social com a teoria de que “os seres humanos são, por natureza, desiguais, ou seja, dotados de diversas aptidões inatas, algumas superiores, outras inferiores” (BOLSANELLO, 1996, p. 154). Na época, chegou-se a pensar que a vida da elite era prejudicada por conta do Estado que ajudava os mais pobres através de medidas sociais. Argumentava-se que os mais inferiores, os menos aptos deveriam morrer cedo para que ficassem menos descendentes dessas classes:

A Eugenia foi fundada em 1883, pelo primo de Darwin, Francis Galton (1822 – 1911). Preconizava o favorecimento, pelo Estado, da formação de uma elite genética por meio do controle científico da procriação humana, onde os inferiores (os menos aptos) seriam eliminados ou desencorajados de procriar. Visava, essencialmente, o aperfeiçoamento da raça (THUILLIER, 1984, apud BOLSANELLO, 1996, p. 155).

Quanto a essa afirmação de Bolsanello (1996), Romano (2020) vem lembrar que Galton cunhou o termo eugenia e a definia como “o estudo dos agentes sob o controle social, que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações, seja física ou mentalmente” (p. 05). A criação do termo eugenia, bem como sua aplicação nas sociedades humanas resultou no Holocausto Judeu durante a Segunda Guerra Mundial, que exterminou cerca de seis milhões de europeus judeus, isso determinado pelo nazismo alemão.

<sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

A eugenia tem como fundamento o racismo, onde a partir de características fenotípicas que estão ligadas a biologia humana, se estabeleceu a superioridade de brancos sobre não brancos, que incluem negros, indígenas, árabes, orientais ou qualquer outro grupo. No Brasil, após séculos de lutas dos movimentos de resistência negra, tivemos alguns avanços com a criação de leis para punição de atos considerados racistas.

Na prática, a injúria racial acontece quando uma pessoa usa palavras ou gestos depreciativos relacionados a raça e a cor para ofender uma vítima específica e as penas variam de um a três anos de detenção e multa. Já o racismo engloba os atos que não têm um alvo em particular e ofendem toda uma comunidade, sem que seja possível diferenciar as vítimas uma a uma e a punição pode ser de um a cinco anos de prisão e multa. As pessoas presas por injúria racial têm direito a pagar fiança, mas o racismo é inafiançável (HORA, 2022, p. 09).

Importante destacar que a Constituição de 1988, a chamada Constituição Cidadã, é contra as ideias eugênicas, porém a Constituição de 1934 estimulava a educação eugênica (Art. 138, Inciso b), com o objetivo de educar os jovens ao casamento na mesma classe social e étnica, além do que, houve um Decreto-Lei 3.010, do ano de 1938, com o seguinte teor: “a pessoa que solicita o visto tinha que se apresentar pessoalmente ao cônsul para que o diplomata veja o candidato e relate se é branco, negro, se tem alguma deficiência física, etc.” (ROMANO, 2020, p. 01). Nesse mesmo período desse decreto, o Brasil evitava receber estrangeiros que não fossem brancos, que fossem aleijados, velhos, cegos, ou crianças que tivessem deficiência física ou mental. Romano (2020) também afirma que no período de 1938, acontecia o seguinte: “Alguns defendiam que os portugueses eram excelentes por serem católicos, vinham de um país que estava sob uma ditadura e falavam o mesmo idioma” (p. 01).

O Darwinismo Social foi fundamental para que as pessoas pretas fossem vistas como raça inferior, raça menos apta. Sabe-se que o Brasil recebeu milhares de negros na época de sua colonização, meados do Século XVI, vindos na condição de escravo e que não foi defendido nem pelas ordens religiosas, e se estabeleceu nesse país a ideia e a cultura de que a pessoa de cor da pele preta e seus descendentes são menos aptos do que aqueles de pele branca.

Ainda hoje, muitas pessoas ficam com seus preconceitos abafados por conta das leis que trazem punições, porém outras, nem assim conseguem esconder que acreditam, sim, que a pele preta está em criaturas que são inferiores e que não devem realizar os mesmos trabalhos que os brancos, e não devem estar nos mesmos lugares que brancos. A primeira Lei Antirracismo aqui no Brasil, foi criada em 1951, denominada de Lei Afonso Arinos, essa lei é considerada um divisor de águas na sociedade brasileira, onde o tema não pôde mais retroceder, ficando pausado 'Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

por conta da ditadura militar, mas voltando em 1980 com toda força para a conquista dos direitos iguais para todos (WESTIN, 2020).

## O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO

Para que se ingressasse em um clube de futebol era preciso que se tivesse alguma condição financeira, e os negros, após a abolição da escravatura, continuavam sem trabalho remunerado, e isso dificultava mais ainda o ingresso no futebol profissional. Nesse período, o preto pobre não tinha oportunidade de ascender socialmente e encontrou essa saída no futebol. (GUIMARÃES; GUIMARÃES, 2019).

Alves (2021), afirma que o Brasil dos anos de 1938 a 1951 teve seu aspecto esportivo marcado por questões políticas e raciais, quando o então presidente da República Getúlio Vargas tentava controlar o futebol, bem como a ascensão do negro neste esporte.

O que se pode notar é que os impedimentos para que os negros participassem dos times de futebol partiam não somente da sociedade, mas também, das autoridades vigentes. Segundo Del Priore (2009), na Liga Metropolitana, instituição criada no Rio de Janeiro para organizar os campeonatos de futebol, foi feito um acordo para barrar o acesso de pessoas negras no mesmo ambiente que o da elite branca, ao exigir, por unanimidade de votos, que não seriam registradas “pessoas de cor” na liga amadora de futebol em 1907, o que mostra como o negro foi discriminado nesse período, e como as elites se preocuparam logo com a popularização do esporte, que ainda engatinhava, mas crescia visivelmente, fazendo tais barreiras. E seguindo a afirmação, a autora afirma que:

Para citar apenas um exemplo, por demais eloquente, em maio de 1907 a Liga Metropolitana de Sports Atléticos, na capital federal, enviou a seus associados de fino trato um comunicado em que informava que sua diretoria resolvera ‘por unanimidade de votos que não serão registrados como amadores nesta liga as pessoas de cor’ (apud Pereira, 2000, p. 66). Uma decisão que, se demonstrava o poderio daquela associação, também não deixava de expor sua maior fraqueza: o temor provocado pela popularização do futebol, a qual se revelava incontrolável - e não apenas nos grandes centros (DEL PRIORE, 2009, p. 122).

Porém, ainda que ficassem fora dos campos e fora das arquibancadas dos estádios, e longe das elites, os negros ainda tinham acesso ao esporte, em uma fileira amontoadas ao redor do campo e, dessa fileira, o esporte ia crescendo, pois dali todos que assistiam ao jogo levavam para seus bairros a notícia e a explicação de como era feita a prática, assim o futebol se espalhou

<sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

pelas cidades e ganhou mais torcedores. O futebol passou a ser praticado em todos os cantos e em todas as classes, o que gerou preocupação por parte das elites, para com o acesso dos negros no mesmo espaço que o deles, forçando-os a fazer barreiras onde não se permitia o acesso dos mesmos nas disputas de campeonatos (MÁRIO FILHO, 2010).

A questão contra o negro no futebol era tão severa que, segundo Eduardo Galeano (2009, apud GUIMARÃES; GUIMARÃES, 2019), o futebol, ao mesmo tempo em que se tornava paixão nacional, se desqualificava como passatempo fino, quando, em 1915 a elite se queixou à revista Sports, do Rio de Janeiro, da seguinte maneira:

De modo que nós que frequentamos uma posição na sociedade, fazemos barba no salão naval, jantamos na Rotisserie, frequentamos as conferências literárias, vamos ao Five o' clock... somos obrigados a jogar com um operário, limador, torneiro mecânico, motorista e profissões outras que absolutamente não estão em relação com o meio onde vivemos. Nesse caso a prática do esporte torna-se um suplício, um sacrifício, mas nunca uma diversão (GALEANO, 2009, p. 39, apud GUIMARÃES; GUIMARÃES, 2019 p. 07)).

Mesmo diante de toda a questão racial nessa nova modalidade esportiva brasileira, diante de toda a problemática para com a aceitação da inclusão da classe trabalhadora nesse novo esporte, o futebol continuou a sua expansão por todo o território brasileiro e América Latina. Assim, começaram a acontecer os campeonatos continentais, pois o mesmo movimento que ocorria no Brasil afora, ocorreu nos outros países da América. Desse movimento, nasceu a Copa América, no ano de 1916, quando a Argentina comemorava o centenário da sua independência, sendo ela a sede do evento. Essa copa era a disputa das seleções de representantes de cada país para a disputa de um campeonato (GUTERMAN, 2009).

Já no ano de 1919, essa competição ocorre no Brasil e a figura de um negro, ganha destaque, e esse mesmo negro, tempos depois passa a ser visto como sem cor ou acima de todas as cores pelo feito concebido. Se tratava de Arthur Friedenreich, um brasileiro com ascendência alemã por parte de pai e afrobrasileira por parte de mãe. Fred era o negro não retinto, de olhos verdes, porém o cabelo crespo e pontudo para cima, o forçava a ficar horas, antes de um jogo, tentado baixá-lo para ficar o mais rente possível da cabeça. Juntando suas habilidades de extremo talento, se mostrando mais hábil que muitos brancos, com o nome de seu pai alemão, assim como o prestígio do mesmo, abriram-se as portas de acesso ao esporte para esse jogador. Na verdade, Friedenreich se torna o melhor jogador brasileiro de sua época, e muitos acreditavam que ele era o melhor jogador de seu tempo (GUTERMAN, 2009).

<sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

Ratificando esta afirmativa acima, Guimarães; Guimarães (2019) apontam o processo que culminou no futebol brasileiro ser visto como um futebol de excelência, apresentando-se como arte, teve início com a atuação de Arthur Friedenreich, quando este conseguiu ser aplaudido de pé pela aristocracia branca, por conta do talento que apresentava em campo, e a partir daí com a inserção de negros e pobres nesse esporte.

Outro exemplo da quebra de barreiras foi o jogo no qual o Brasil, nessa mesma competição, não conseguira o êxito, onde um negro uruguaio chamado Grandin, o único da equipe e da partida, conseguira fazer o que nenhum branco conseguira no confronto entre os brasileiros e uruguaios, quando ele marca 2 gols e leva o time uruguaio à vitória (MÁRIO FILHO, 2010).

Diante de todos os bons resultados que o futebol desenvolvido em campo, pelos negros, vinha apresentando, passaram a ser refletidas pela aristocracia as ideias eugenistas europeias, ideias essas de que a raça branca era superior à raça negra, coisa que nesse dia Grandin mostra o contrário. Ainda assim, as atitudes dos brasileiros continuavam iguais, onde os campeonatos estaduais e regionais ainda davam preferência a quem era branco, isso pelo menos nos principais times, uma vez que sempre foram os times de branco que ganharam os títulos. Nesse período, os times mais pobres conseguiram colocar em seus times alguns negros, a exemplo do The Bangu, mas sempre foram derrotados. No Rio de Janeiro, o único time grande que muda sua postura um pouco foi o América, um clube da elite da parte norte da cidade que contrata um marinho negro, mas muito habilidoso (MÁRIO FILHO, 2010).

Então, já se podia ver começando a dar bons resultados as reflexões sobre valores entre raças e cor da pele, sobre se estar refletindo a importância da inclusão do negro no esporte que se tornou popular no Brasil, país que é formado por miscigenação racial, e que já vivia a grande desigualdade social, mesmo na época do início do futebol, sendo prejudicial para a vida dos mais pobres a não inclusão dessa parcela da sociedade nesse esporte.

Nesse sentido da evolução do processo de inserção do negro no futebol brasileiro, Alves (2021) lembra da comparação que se fez entre futebol que se apresentava antes do ano de 1938, onde a maioria dos jogadores era de pele branca, de elite, muito distante da realidade da população brasileira, que era em grande parte de pele preta e parda, com a Copa do Mundo da França, no ano de 1938, quando o Brasil apresentou um time totalmente mestiço, composto por muitos jogadores negros, pela primeira vez. Nesse torneio, dois jogadores negros, atletas, chamaram à atenção pelo futebol que jogavam, o Domingos Antônio da Guia e Leônidas da Silva, levando o Brasil a representar seu povo no contexto racial (ALVES, 2021).

<sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

Tal afirmação acima vem aqui ratificada por Pereira (2007):

Enquanto nas competições anteriores inúmeras restrições sociais e raciais haviam dificultado a formação de um selecionado de qualidade, a equipe então enviada à Europa misturava jogadores de diferentes condições sociais e origens étnicas. Ao aproximar mais a feição do time ao perfil da população brasileira, tal abertura não só conseguiu aumentar o entusiasmo da torcida, que passava a ver nos jogadores os legítimos representantes da nação, mas também garantiu a incorporação de atletas que, apesar de sua reconhecida qualidade, não teriam, anos antes, chance de fazer parte da delegação brasileira (PEREIRA, 2007, p. 194).

Leônidas era o grande craque do país, nele era visto o que o brasileiro e o negro produziam de melhor com a bola nos pés, as habilidades, a ginga que, diferente das outras escolas do mundo, permitia que a individualidade sobressaísse sobre o coletivo, enquanto Domingos era reconhecido por sua classe, pela sua frieza e brilhantismo para resolver as jogadas em campo, o que o aproximava mais dos estilos de jogo europeu, e, mesmo assim, era visto nele a audácia brasileira para resolver as jogadas. As histórias deles e de outros jogadores negros permitem entender as transformações no cenário brasileiro (MÁRIO FILHO (2010). Sobre essa notificação, Alves (2021) vem dizer que “A dimensão nacional que tomou o futebol fez com que esse esporte tivesse aceitação por todos os grupos sociais, e que, de acordo com Filho, a consequência foi um novo modo de jogá-lo, isso por causa da “identidade e essência” do ser brasileiro” (p. 27).

E, em meio a todos esses percalços e embates de racismo e leis, sociedade dividida em opiniões, surge um jogador preto, filho de descendentes africanos, que por sua arte no futebol, ganhou o título de Rei do futebol, Edson Arantes do Nascimento, apelidado de Pelé, considerado como maior estrela do futebol brasileiro e, também classificado por muitos como maior estrela do futebol mundial de todos os tempos, ocupando o panteão que é formado pelos melhores craques do esporte bretão (CORNELSEN, 2018). Quanto ao racismo, ele (Pelé) faz a seguinte declaração em sua autobiografia: “[...] é claro que existe racismo no Brasil, mas tive a sorte de ficar famoso e rico ainda jovem, e as pessoas tratam você de maneira diferente quando você tem dinheiro e é uma celebridade. É quase como uma raça à parte – nem negra nem branca: famosa” (NASCIMENTO, 2006, p. 159, apud CORNELSEN, 2018, p. 85).

Não se pode esquecer de outro craque de cor preta que marcou o futebol brasileiro, que junto a Pelé, os dois elevaram o nome desse esporte do Brasil. Seu nome é Manoel Francisco dos Santos, “que entraria para a história do futebol brasileiro e mundial com um apelido que remonta a um passarinho – “Garrincha”. Verdadeiro mito do futebol, o craque oriundo do

<sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

município de Pau Grande, distrito de Magé, no Rio de Janeiro, foi cantado, literalmente, em verso e prosa...” (CORNELSEN, 2018, p. 73.).

Outros negros, outros pobres fizeram do futebol uma arte e ficaram na história do futebol, nos anos iniciais deste esporte aqui no Brasil, segundo Guimarães; Guimarães (2019):

Além de Friedenreich e Domingos da Guia, nomes como os de Romeu Pellicari, Luizinho, Fausto, Servílio, Zizinho, Heleno de Freitas, Brandão, Jair da Rosa Pinto, Tim, Perácio, Patesko e Ademir de Menezes eram objeto de culto pela comunhão de fiéis de seus respectivos clubes. E representavam uma possibilidade concreta de ascensão de membros dos grupos subalternos da sociedade brasileira (FRANCO JUNIOR, 2007, apud GUIMARÃES; GUIMARÃES, 2019, p. 08).

Adicionando a estas notificações, é relatado que diante de todos os bons resultados que o futebol desenvolvido em campo, pelos negros, vinha apresentando, fazendo todos ali presentes refletirem sobre as ideias que eram, aqui no Brasil, altamente difundidas pela aristocracia com base nas ideias eugenistas europeias, o esporte mostrara-se claramente ao contrário da eugenia. Ainda assim, as atitudes dos brasileiros continuavam iguais, onde os campeonatos estaduais e regionais continuavam dando preferência a quem era branco, isso pelo menos nos principais times, uma vez que sempre foram os times de branco que ganharam os títulos (MÁRIO FILHO, 2010).

Porém, Mackedanz, et. all (2020), trazem a reflexão de que com tantos casos recorrentes de preconceitos raciais que ainda acontecem entre jogadores, ou pela torcida ou mesmo do próprio clube, se o racismo realmente foi superado aqui no Brasil, país que por muitos anos deixou passar a imagem de um país democrático racialmente, reflexão esta que continua com Silva; Paula (2020, p. 03), quando apontam o seguinte: “Embora os atletas se projetem socialmente, não temos uma estatística favorável de negros no comando do esporte. Além disso, temos visto, ao longo dos anos, sucessivos casos de racismo no esporte em todo o mundo, o que coloca em xeque a ideia de que há uma democracia racial nesse campo.”

## O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL

Assim como os homens negros, por serem da raça negra, sofreram discriminação para o futebol, as mulheres, pelo fato de serem do gênero feminino, também sofreram de grande preconceito e discriminação quando se tratou da participação delas do futebol. No ano de 1940, as mulheres já enfrentavam a sociedade machista que recriminava a prática do futebol por elas, mas que estas não sucumbiram e nem ficaram caladas em face a todos os obstáculos que

<sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

enfrentavam, a exemplo da manifestação do escritor José Fuzeira, através de uma carta ao então presidente do Brasil, Getúlio Vargas, através do jornal carioca O Diário da Noite, onde o escritor declarava o futebol feminino como “um disparate sportivo que não deve prosseguir”, pois iria ir de encontro a sua natureza de ser mãe, praticando um esporte que se apresentava masculino e violento. E o presidente Getúlio Vargas sancionou o Decreto-Lei 3.199, Art. 54, em 1941, tirando das mulheres o direito de praticar esportes que se constituíam incompatíveis com sua natureza feminina (GOELLNER, 2021).

O espaço das mulheres brasileiras no âmbito do esporte foi sempre carregado de pressões. Os movimentos moralizadores no século XIX marcaram de forma negativa esse espaço da mulher, inclusive com a oposição do Conselho Nacional do Desporto – CND (BRASIL, 1941): “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito o CND baixar as necessidades de instruções às entidades desportivas do país” (NASCIMENTO; ROCHA, 2021).

E muitos jogos femininos passaram a ser cancelados por ordem do CND (Conselho Nacional de Desportos), uma repartição que era subordinada ao Ministério da Educação, quando algumas partidas foram encerradas pela polícia, à força (WESTIN, 2023).

Martins et. all (2021) afirmam que “o futebol de mulheres no Brasil tem raça e classe social” (p. 02), quando as mulheres brancas e de classe econômica mais alta tendenciam a esportes em geral, as mulheres de cor preta e as mais pobres escolhem praticar o futebol, de forma bem mais acentuada: “A experiência de mulheres brancas e negras se difere em relação aos sentidos da prática. Para as mulheres negras, o futebol foi entendido como uma possibilidade de profissão, ainda que dificilmente esta se concretize. Por outro lado, para as brancas, o futebol era um momento de lazer e diversão” (MARIANE PISANI, 2018, apud MARTINS, 2021, p. 05).

Desde o surgimento do futebol, que tanto o time quanto a torcida eram atos para os homens, as mulheres não eram vistas como o sexo que deve participar deste esporte por elas serem classificadas como pessoas que são do silêncio, que são cheias de perfume e que são civilizadas. Essas características as deixavam fora do cenário futebolístico (GOELLNER, 2015).

Afirmam Nascimento; Rocha (2021) que já no ano de 1898, em Londres, aconteceu a primeira partida de futebol feminino entre Inglaterra e Escócia. E no Brasil demorou poucos anos para, também, acontecer seu primeiro futebol feminino, nos anos de 1908 – 1909, sendo que o primeiro jogo de futebol feminino oficial aconteceu no ano de 1921, no bairro de Tremembé, em São Paulo, noticiado na época como um evento “curioso”, tornando, assim, mais

<sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

nítido o preconceito contra as mulheres no futebol, visto que este gênero humano não foi feito para esse esporte, pela brutalidade do mesmo.

Alguns motivos justificavam o papel invisível da mulher, inclusive no futebol: a sua pouca participação em atividades públicas, pouca visibilidade nessa área, bem como o pouco acesso a fontes escritas, especialmente sobre esportes, visto que para a sociedade patriarcal as atividades domésticas deveriam estar em primeiro lugar na vida das mulheres, e, também, a mulher sempre foi descrita e vista através do ponto de vista dos homens, e de forma generalizada (PERROT, 2005, apud NASCIMENTO; ROCHA, 2021).

A inclusão e a continuação da mulher no meio esportivo aconteceram de modo gradativo, mas confuso. Entre os séculos XIX e XX, as mulheres até praticavam esportes, como, por exemplo, o hockey, o boxe e o rugby, mesmo sabendo que se tratava de um ambiente masculinizado, e se dispondo a estar na contramão do cenário sócio-histórico – e isso era visto como algo inadequado, como esclarece Goellner (2006) (NASCIMENTO; ROCHA, 2021).

Certamente, as mulheres quando buscam praticar algum tipo de esporte são influenciadas pelo benefício que vão ter em alcançar bem-estar social, alcançando também uma variabilidade de atividades que o esporte pode oportunizar para sua vida, juntamente com os benefícios que se referem ao autoconceito e a própria identificação; depois, como contraponto a todas as limitações apresentadas durante tantos anos, ao comportamento das mulheres é oferecida uma equidade de possibilidades na sua vida (DUNNING, 1994, apud NASCIMENTO; ROCHA, 2021).

Para Goellner (2005) apud Nascimento; Rocha (2021), a desaprovação do futebol feminino se fundamentava na ideia que tinham de proteger a fecundidade e a integridade física das mulheres, mas também vinha o medo que os homens tinham de perder o seu espaço masculino.

Toda essa reprovação à mulher no futebol durou muitas décadas, aqui no Brasil. Apenas com o término da ditadura militar no Brasil, fim de 1970 e início de 1980, o esporte foi regulamentado para mulheres, porém com ressalvas a respeito do tempo, do tamanho do campo e do peso da bola (GOELLNER, 2021).

Enfim, surgindo predominantemente masculino o ambiente do futebol, indo além do que se refere ao cenário esportivo, chegando a englobar o espaço sociocultural, assim seus princípios se concretizaram como limites para as mulheres. E a mulher para ter acesso a esse espaço promove revoluções para desestruturar essas regras o que se apresenta como uma

<sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

ameaça para aqueles comportamentos que sempre se apresentaram machistas e sexistas (FRANZINI, 2005, apud NASCIMENTO; ROCHA, 2021).

“A liberdade das mulheres para a prática do futebol feminino, entretanto, deve ser vista como uma oportunidade para a ruptura de obstáculos sociais e morais que têm sido impostos pela “superioridade” do gênero masculino” (LIMA, SOUSA, 2016, apud NASCIMENTO; ROCHA, 2021).

## O VASCO DA GAMA E O FUTEBOL DA CLASSE POPULAR NO BRASIL

O Club de Regatas Vasco da Gama, foi fundado no ano de 1913, no Rio de Janeiro, sendo identificado pela cor preta, representando os mares desconhecidos. Para que se pudesse ingressar no Vasco da Gama, o que importava era a habilidade com a bola, e isso já fazia do time um diferencial em relação aos outros times, que exigiam cor banca de pele, classe social, em meio a tantas outras restrições. Já no Vasco, figuravam moradores de subúrbio, os que queriam fazer do futebol um ofício e não um lazer, e assim, esse time pode ter sido o pioneiro a incorporar pessoas negras em sua equipe (NASCIMENTO, 2023).

Então, veio 1923 e com ele um time novo que teve um papel revolucionário para o cenário brasileiro de futebol e para com a figura do negro: o Vasco da Gama, até então um time pequeno do Rio de Janeiro sobe da terceira divisão, e depois, vai da segunda para primeira, tendo acesso, assim, a confrontos com os principais clubes do Rio de Janeiro, apresentando um time mesclado com negros e brancos. O time Vasco da Gama consegue ter êxito e consegue o tão sonhado campeonato, o que leva à revolta dos demais clubes, os quais exigem no ano seguinte que o Vasco tire do seu time todos os negros, e assim o time participaria da nova liga que eles criaram depois do ocorrido (SANTANA, 2010).

Ainda que haja incerteza acerca do primeiro time brasileiro a contratar jogadores negros para sua equipe, o Vasco da Gama teve grande destaque em 1923 pela quantidade de jogadores negros que foram contratados:

Historicamente há uma imprecisão sobre o primeiro clube brasileiro a admitir negros em sua equipe. Neste sentido, destaca-se três clubes do futebol brasileiro, os quais são Bangu Atlético Clube, Associação Atlética Ponte Preta e o Vasco da Gama. Esse último é considerado o protagonista na inclusão do negro no futebol nos anos de 1923 e 1924, com 12 atletas negros conquistando o título carioca em 1923 (SOARES, 2014).

<sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

Já Pinto; Lima (2019) afirmam que o time da Ponte Preta contém na sua história a informação de que foi o seu time o pioneiro a contratar e exibir jogadores negros em campo de futebol:

Assim, ao refletir sobre a nula inserção do negro nos cargos de gerência e comando técnico das principais equipes futebolísticas brasileiras em pleno século XXI, a Ponte Preta ostenta com muito orgulho o pioneirismo de conter dirigentes e jogadores negros em seu time titular há aproximadamente um século atrás, sendo, portanto, a primeira democracia racial do futebol brasileiro (PINTO; LIMA, 2019, p. 03).

O que se pode ver é que para o bem do futebol e para a inclusão dos negros, existia esse time, o Vasco da Gama, que, desde sua origem, já era um time contestador do sistema no qual o futebol carioca e brasileiro se enquadrava, sendo esse time o primeiro a ter um presidente negro, Candido José de Araújo, e teve um treinador uruguaio em seu time, o conhecido Ramon Platero, no ano do título, 1923. Esse treinador tratava por igual os jogadores do seu time, tanto negros como brancos, embora houvesse uma certa preferência por jogadores brancos como em outros times, quando os jogadores que estavam na equipe eram negros eram tratados de forma igualitária, coisa difícil para a época (MÁRIO FILHO, 2010).

Ainda, segundo Mário Filho (2010):

Falar em futebol era falar na derrota do Vasco. Veio outra semana, o Vasco continuou a vencer, não perdeu mais até o fim do campeonato. A vitória do Flamengo tinha dado a ilusão de que tudo ia voltar a ser o que era dantes, os times de brancos levantando campeonatos, os times de pretos perdendo sempre. A ilusão durou pouco, os clubes finos, de sociedade, como se dizia, estavam diante de um fato consumado. Não se ganhava campeonato só com times de brancos. Um time de brancos, mulatos e pretos era o campeão da cidade. Contra esse time, os times de brancos não tinham podido fazer nada (MÁRIO FILHO, 2010, p. 126).

Pode-se ver com essa fala de Mário Filho que o feito do Vasco representou quebra direta na linha de pensamento que predominava na época que justificava, mais ainda, o racismo, a ideia de que os brancos eram superiores por ganharem sempre os campeonatos e serem letrados, ao contrário dos negros. Porém, com a preparação física, com uma boa alimentação e treino essa vantagem desapareceu, não era a origem social que definia os vencedores, mas sim, a preparação esportiva.

Mesmo assim, o feito do Vasco da Gama criou uma rachadura, que antes não havia, que foi a separação dos times que apoiavam os negros no futebol dos times que não apoiavam, após responder às exigências dos times grandes pela exclusão dos jogadores de cor, se opondo a tudo

<sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

que era pedido. Com o passar do tempo, essa discussão foi direcionada para a questão do amadorismo versus profissionalismo (MÁRIO FILHO, 2010).

E, mesmo o futebol ainda sendo um esporte amador, Del Priore (2009) aponta que os times que surgiram no Brasil, desde o início da prática do esporte, eram equipes amadoras, o que significava que o esporte era praticado de forma cordial, onde o amor pelo mesmo e a relação amistosa entre os participantes era preservada em foco, mas além disso tudo, o esporte como amador também garantia que ele fosse praticado apenas pelos membros da elite brasileira, como forma de cortejo entre as mesmas. Ora o esporte era visto no Brasil como uma forma de demonstrar e reafirmar a superioridade da raça, assim, desse modo, ele permitia aos seus praticantes ter corpos saudáveis e atléticos, mais ainda, permitia que os mesmos com o gozo de tempo que tinha estabelecessem relações cívicas (DEL PRIORE, 2009).

Vale apontar aqui, que o futebol no Brasil ganhou dimensão de profissionalização a partir da década de 1930, e o que deu um grande suporte foram as ondas do rádio que, no momento, começava a se expandir, o contexto do movimento liberal e as várias mudanças sociais que ele proporcionava, bem como os ideais de modernização e desenvolvimento industrial que o Brasil vinha recebendo como influência de outros países (GUIMARÃES; GUIMARÃES, 2019). “Este processo envolveu definitivamente o futebol. O período caracterizado pela era do rádio expôs um futebol cada vez mais popularizado, decorrendo daí a criação de novos “heróis” nacionais (idem, 2019, p. 08). E assim, o futebol foi regulamentado como profissão, em 1934, após a criação da legislação das leis trabalhistas, pelo então presidente Getúlio Vargas (BRUHNS, 2000, apud GUIMARÃES; GUIMARÃES, 2019).

Também, Guterman (2009) certifica que com o fim da Primeira República (1889 – 1930) e a entrada do populismo varguista, o futebol se transforma e com ele os clubes, podendo-se citar o exemplo de dois clubes que aproveitaram, e muito, essa mudança de postura do país e do futebol brasileiro na entrada da era Vargas, se tratando do Vasco da Gama e Flamengo, esses dois times se tornam extremamente populares, principalmente com o novo cenário no qual o país estava entrando. Vargas, ao se firmar no poder, estabeleceu a Ditadura Estado Novista, onde a mesma tinha cunho trabalhista e popular, mas com uma militância contra o socialismo e o comunismo, nesse Estado Novo a imagem vendida pelo governo era da democratização das raças onde a união racial era afirmada, dando a entender que no Brasil não havia racismo e que o negro e o mulato poderiam ocupar os mesmos espaços que os brancos da elite (GUTERMAN, 2009).

<sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

O presidente Vargas, agora, tinha outra postura política, diferente de quando o futebol chegou ao Brasil, porém, a maior parte da população ficou marginalizada sem emprego e sem assistência do estado, estando ali a figura do negro em sua grande parte. E, vivendo essa situação hostil do negro, o Clube do Vasco, no ano de 1905, tendo seu primeiro mandatário negro, ganhou o seu primeiro título de campeão do remo, no Rio de Janeiro (GUTERMAN, 2009).

E o Vasco da Gama continuava a crescer e a ganhar campeonatos e partidas de futebol, com seus jogadores pertencentes às classes populares.

[..] o negro tem um papel ativo, participativo e trata-se de um dos atores de destaque da história da agremiação vascaína, seja como dirigente, atleta, sócio ou torcedor. O Vasco da Gama sempre foi um clube inclusivo que exaltou o negro, sendo pioneiro nas batalhas contra o preconceito e a favor da inclusão de todos, de forma igualitária (SANTANA, 2020, p. 01).

Ainda no ano de 1924, ao romper com a Liga Metropolitana de Futebol, alguns times se uniram e fundaram outra liga, assim convidando o time do Vasco da Gama para fazer parte com eles, porém com uma imposição: que fossem excluídos do time doze jogadores, alegando que eles não tinham condições morais para praticar o futebol naquela instituição. Porém, o Vasco entendeu que a intenção da nova Liga, a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA) era destituir a condição política e econômica dos times que estavam contratando jogadores das camadas sociais mais populares (SANTANA, 2020).

O primeiro goleiro negro campeão do Carioca na história do futebol pertenceu ao Vasco da Gama, no ano de 1922, quando esse time passou para a elite do futebol brasileiro, disputando o campeonato junto aos times mais fortes economicamente da cidade. “O ano de 1923 foi especial em todos os sentidos para Nelson, para o Vasco e para o futebol carioca. O atleta vascaíno se tornaria o primeiro goleiro negro a ser campeão carioca, e a defender a Seleção Carioca e a Seleção Brasileira” (SANTANA, 2020, p. 04).

O negro brasileiro reinventou um esporte vindo do continente europeu, o que colaborou para a construção de uma identidade nacional.

A despeito, o feito do Vasco, mostrava que a vantagem de ser de alta classe social, estudante, branco, estava desaparecendo no futebol, a pluralidade social se apresentou também como caminho para vitória. Todavia, a conquista vascaína pôs em xeque a hegemonia elitista do futebol, iniciando um embate entre o amadorismo, defendido pelas vias institucionais, e o profissionalismo, caminho orgânico que o futebol estava tomando em suas relações econômicas (PEREIRA; AZEVEDO, 2021, p. 19).

<sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

E o futebol brasileiro apresentou outro perfil de seus jogadores, começando pelos times menores, a exemplo do Vasco da Gama, atitude que deu certo, mesmo o Vasco precisando de tomar decisões complicadas para a sua trajetória.

## A CARTA-RESPOSTA DO VASCO – A RESPOSTA HISTÓRICA - E O FUTEBOL DO NEGRO NO BRASIL

O time do Vasco da Gama, ao ser convidado para fazer parte da nova Liga do futebol, AMEA, já citada nesse artigo, certificou-se de que a intenção do convite era de levar o time a uma condição econômica inferior, forçando-o a reestruturar sua equipe, excluindo os que vinham de classes populares, coisa que não agradava aos adversários por conta da origem daqueles jogadores, uma equipe formada por negros, mulatos e operários, encontrados nas periferias da cidade do Rio de Janeiro (SANTANA, 2020).

Esse time com essa equipe de jogadores que não pertencia à elite, levou os dirigentes da Liga Metropolitana de Futebol a criar uma nova Liga que pudesse apresentar um estatuto diferente, onde uma das exigências era a proibição do perfil de jogadores que compunha a equipe do Club de Regatas Vasco da Gama. E a reação dos dirigentes foi enviar a resposta através de um ofício que marcou a história do futebol brasileiro, e ficou conhecido como a Carta-resposta do Vasco – a Resposta-histórica:

O Clube, de forma categórica, se negou a aceitar tal medida e retornou para a Liga Metropolitana. O grande marco desse evento foi o ofício assinado pelo Presidente do Vasco, José Augusto Prestes, e encaminhado à direção da AMEA, no qual a agremiação vascaína deixava claro que não abriria mão de seus jogadores “por não se conformar com o processo porque foi feita a investigação das posições sociais desses nossos consócios, investigação levada a um tribunal onde não tiveram nem representação nem defesa”. Esse ofício ficou conhecido como a “Resposta Histórica” (SANTANA, 2020, p. 08).

Transcrevendo aqui um dos trechos desse ofício de resposta do Vasco (transformado na gramática oficial do Novo Acordo Ortográfico vigente da Língua Portuguesa), que dizia o seguinte: “Estamos certos que V.Exa. será o primeiro a reconhecer que seria um ato pouco digno da nossa parte, sacrificar ao desejo de fazer parte da A.M.E.A., alguns dos que lutaram para que tivéssemos entre outras vitórias, a do Campeonato de Futebol da cidade do Rio de Janeiro, de 1923.” (SANTANA, 2020), pode-se notar que aquela equipe formada de pessoas que desagradavam à elite carioca, eram pessoas que tinham tanta desenvoltura no futebol, que

<sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

acreditavam que só os brancos conseguiam, foram as que levaram o time ao título do campeonato.



Fonte: vasco.com.br (2023)

<sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

Esta carta-resposta do Vasco é considerada um marco histórico para negros e pessoas menos favorecidas, não apenas para o ingresso no futebol, mas para que a sociedade começasse, mesmo que lentamente, a enxergar que essas pessoas também têm o seu valor.

Importante notificar que os jogadores pobres, pretos e favelados buscavam uma profissionalização, porém, mesmo sabendo que não teriam remuneração, continuavam a se interessar pelo futebol, desenvolvendo suas habilidades cada vez melhor. Eram recompensados apenas pelo “bicho” já citado aqui, que se refere ao pagamento ao jogador usando animais vivos, o que o jogador podia criar para reproduzir ou usar estes animais na alimentação própria ou da família:

A bonificação pelas vitórias a estes jogadores vinha com vacas, porcos, ovelhas ou outros animais para o abate, comprados com o dinheiro de apostas feitas entre os torcedores da colônia. Foram os primeiros passos do “bicho”, prática que só se aperfeiçoou e hoje está estabelecida” (NASCIMENTO, 2013, p. 02).

Outro trecho do ofício que ficou conhecido como carta-resposta (transformado na gramática oficial do Novo Acordo Ortográfico vigente da Língua Portuguesa), mostra uma defesa pública em favor dos menos favorecidos, e que levou muitas pessoas a levantar questionamentos sobre o posicionamento daquele time e sobre a verdade que sua resposta estava trazendo:

Quanto à condição de eliminarmos doze dos nossos jogadores das nossas equipes, resolveu por unanimidade a Diretoria do C.R. Vasco da Gama não a dever aceitar por não se conformar com o processo porque foi feita a investigação das posições sociais desses nossos consórcios, investigação levada a um tribunal onde não tiveram nem representação nem defesa (SANTANA, 2020, p. 05).

A partir de então, acontece o impacto do começo da desconstrução de um padrão social de domínio de uma raça sobre outra, ainda persistente na sociedade brasileira. Com a inserção do negro no futebol, não apenas o esporte saiu ganhando, como aumentou a autoestima das pessoas de pele preta, bem como o seu sentimento de representatividade, tanto de quem jogava o futebol como, também, de toda a comunidade preta que sempre foi tratada como raça inferior (GONÇALVES, 2015, apud PEREIRA; AZEVEDO, 2020).

E a própria associação AMEA, em 1925, veio a reconhecer que o time do Vasco com seus jogadores de origem social diferente dos outros times, por haver conquistado muitos

<sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

campeonatos, se apresentava como um time lucrativo e rentável para o futebol brasileiro. E o time recebeu um convite da AMEA para se filiar, desta vez sem a imposição de excluir seus jogadores negros, analfabetos e favelados. Isso porque o Vasco atraía uma grande quantidade de torcedores para as arquibancadas, e isso gerava lucro para os dois lados. Assim, afirma o historiador do Vasco da Gama, Walmer Peres (2023), que o Vasco dava lucro e logo era lucrativo um time ter o Vasco como adversário. E que o convite da AMEA é feito por causa de uma diferença grande pra menor entre a receita de 1923, com o Vasco, e a de 1924, sem o Vasco (SILVA, 2023).

Vale ressaltar que o valor inestimável desta carta-resposta ainda prevalece, o que se confirma com uma declaração feita pelo vice-presidente de Relações Especializadas do Vasco, João Ernesto, no ano de 2019, à revista UOL, sendo a seguinte:

Quando me perguntam quais são os principais troféus do Vasco, eu digo que são dois: o primeiro é a Resposta Histórica e o outro é o próprio estádio Vasco da Gama, popularmente conhecido como São Januário, pois ele é um desdobramento da carta. Um representou a determinação dos vascaínos em enfrentar os entraves elitistas. E se aceitássemos, teríamos sucumbido. E o outro, considero o segundo grande bullying contra o Vasco, com o fato de que não tínhamos estádio. E com sangue, suor e lágrimas, construímos São Januário. A mensagem que a Resposta Histórica passa é a de que foi a segunda Lei Áurea no Brasil (BRAZ, 2019).

Porém, diante de todo esse exposto a respeito da inserção do negro no futebol, não se pode negar que, mesmo depois do fato histórico da carta-resposta do Vasco, mesmo depois de tantas leis antirracistas, o racismo ainda sobrevive no esporte e ainda sobrevive nas sociedades, não apenas no Brasil como no mundo. Mackedanz (2021) aponta que “Nos últimos anos, várias denúncias de racismo nos gramados brasileiros e internacionais ganharam destaque na imprensa, reforçando a desconstrução das premissas que advogavam que o futebol brasileiro seria um modelo de integração racial” (p. 17).

Hora (2022) corrobora trazendo dados mais recentes de racismo que vem acontecendo no futebol:

O Brasil registrou 24 denúncias de racismo no futebol em 2014 e 64 em 2021, o que representa um crescimento de 156% em apenas oito anos. O recorde até o momento aconteceu em 2019, quando foram contabilizadas 70 ocorrências. Já em 2016, foram 26 casos e em 2020, o número caiu para 31 (HORA, 2022, p. 05).

<sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

Assim, o futebol ainda é alvo de ataques de preconceitos para com os negros jogadores, não somente no Brasil, como também em outras partes do mundo, o que pode ser comprovado com a seguinte notícia:

A repercussão dos ataques racistas direcionados ao atacante Vinicius Júnior, do Real Madrid, no duelo com o Valência, pelo Campeonato Espanhol, no último domingo (21), mostra que este não é um fato isolado. Nos últimos anos, foram vários os casos de racismo contra atletas brasileiros no futebol europeu, dentro e fora de campo, mas que não se limitam ao Velho Continente. Eles também avançaram no Brasil (CHAVES, 2023).

Atos esses são reflexos do que a sociedade é, ainda, nos tempos atuais “racista” que, embora adotem hoje o discurso de não ser racista, ainda é, e com resíduos muito fortes do passado, o que fica explícito na ação nos estádios, ficando implícito fora dele em uma tentativa de esconder, mas que fica bem claro em medidas e ações onde o favorecimento é notório a pessoas de pele clara. A ação nos estádios, a “imitação de macaco”<sup>1</sup> para prejudicar o emocional do negro, mostra como a sociedade atual atua, também, em seu cotidiano.

Para que venham diminuindo os preconceitos de cor no futebol, leis continuam sendo criadas, a exemplo do Código Brasileiro de Justiça Desportiva que determina penas através de seus artigos específicos:

Art. 243-G. Praticar ato discriminatório, desdenhoso ou ultrajante, relacionado a preconceito em razão de origem étnica, raça, sexo, cor, idade, condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência: PENA: suspensão de cinco a dez partidas, se praticada por atleta, mesmo se suplente, treinador, médico ou membro da comissão técnica, e suspensão pelo prazo de cento e vinte a trezentos e sessenta dias, se praticada por qualquer outra pessoa natural submetida a este Código, além de multa, de R\$ 100,00 (cem reais) a R\$ 100.000,00 (cem mil reais) (CBJD, 2009).

Faz-se importante a união de todos os setores nessa missão de desfazer a eugenia que foi implantada no Brasil no século passado, que se desenvolveu a contento de seus implantadores.

Também, o governo federal sancionou em janeiro deste ano de 2023, a Lei 14.532, que traz como crime de racismo a injúria racial, o que já era considerado crime no país, pela Lei 7.716, de 1989. O Regulamento Geral de Competições da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) para 2023 sinaliza que serão punidos os casos de discriminação, e que a pena chega a ser de uma advertência chegando até a perda de pontos (CHAVES, 2023).

<sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil, atualmente, em referência ao futebol, se mostra como parte do cotidiano cultural do nosso povo, igualando-se na sua seriedade às discussões política e religiosa, o que mostra quão exitosa é a disseminação interna desse esporte, desde a sua primeira aparição em fins do século XIX, para depois alcançar as demais classes desta mesma sociedade.

O futebol, no Brasil, é considerado uma paixão nacional, tamanho amor e atenção que ele desperta nos torcedores, que são de todas as raças, de todos os gêneros, de todas as idades e de todas as classes sociais. Diante do exposto, não se pode negar que as lutas do negro pela igualdade dentro dos mais variados contextos históricos se arrastam por mais de dois séculos. Aqui foi apresentada uma luta específica dessa raça, que foi a luta pela aceitação e inserção de jogadores pretos no futebol brasileiro. Pode-se confirmar que a desigualdade racial excluía os pretos de participarem desta modalidade esportiva nas décadas de 1920 a 1930, quando ligas criadas para tratarem do futebol tinham cláusulas explícitas impedindo que os times contratassem pessoas negras para a formação de suas equipes. Os times só poderiam ser formados por pessoas de pele branca que representavam a elite brasileira, quando ainda se tinha a teoria de que essas pessoas eram uma raça superior e que os pretos eram de uma raça inferior, e que não podiam se misturar. Viviam-se a eugenia social de forma gritante contra os menos abastados economicamente, mas principalmente, contra os de pele de cor preta.

Haja vista os discursos feitos sobre a inserção do negro no futebol brasileiro e sua dada importância para o esporte, e fora o crescimento do mesmo, pode-se chegar ao fato de que essa luta chega aos dias de hoje de uma forma mais incisiva (inclusive com a criação de leis punitivas para o ato racista), fez diferença no passado e vai continuar fazendo diferença para as gerações futuras de negros que queiram ingressar no esporte. Sabe-se que a cada ano que passa, a união por essa luta vai ficando cada vez maior e mais forte.

O time do Vasco da Gama não vivia a eugenia social, e na formação de suas equipes estavam favelados, analfabetos, pobres e negros, mesmo sendo explícito que a intenção do Vasco não era antirracista, mas intenção capitalista, quando o time viu nos negros a oportunidade de fazer o seu time galgar uma posição confortável de time vencedor, pelas habilidades dos negros para com o futebol. Isso incomodou a elite futebolística, impondo a esse time que “limpasse” sua equipe ou não participariam dos principais campeonatos. E o Vasco optou por continuar com seu time, voltando a se afiliar a outra liga que não lhe impunha tal condição. O episódio da carta-resposta do Vasco da Gama não foi a primeira ação em defesa

<sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

dos negros e nem foi a última, porém teve, sim, um papel revolucionador, quando na metrópole Rio de Janeiro, então capital do Brasil, o time assumiu uma postura de resistência, a favor de seus atletas negros, mesmo tendo como alvo principal a ascensão do time, pelas vitórias nos campeonatos, numa visão, antes de tudo capitalista do momento.

O que se quer mostrar com esta pesquisa é que essa luta do negro não terminou, quando se tem conhecimentos dos casos de preconceitos que ainda acontecem dentro e fora dos estádios de futebol. Recomenda-se, assim, outros trabalhos que continuem com a reflexão acerca desse tema, e mostrem a necessidade de uma grande união em prol dessa luta de inserção efetiva do negro no futebol e em todos os outros contextos da vida em sociedade. E essa luta do jogador negro poderia ter ganho uma força bem maior se o Rei do Futebol, Edson Arantes do Nascimento, o conhecido Pelé, não tivesse assimilado as atitudes racistas que eram direcionadas a ele de uma forma ignorada e sem reação, o que, de acordo seu depoimento s injúrias raciais nunca eram dirigidas a ele, porque ele era famoso.

Fala-se, aqui, de uma sofrida minoria da sociedade humana que sofreu e sofre discriminação, especialmente no futebol, que é o homem negro, porém, não se pode esquecer que a mulher, também, compondo essa classe de minoria, sofreu discriminação no futebol, e sua inserção no mesmo foi à custa de muitos movimentos e reivindicações.

Assim, o que se pode concluir é que o negro ganhou o seu espaço no futebol e em outros esportes, mas que grande parte da sociedade branca ainda não aceita essa inserção, demonstrando tal sentimento através de gestos, mímicas, palavras ofensivas, indo até a situações de violência física de alto nível de gravidade.

Este artigo é, pois, uma colaboração para que novas reflexões aconteçam na tentativa de que o preconceito racial venha a ser minimizado, especialmente no futebol, até que um dia todas as raças possam viver harmoniosamente em sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. Femininos plurais. São Paulo. Sueli Carneiro. Pólen: 2019.

ALVES, Maycon Emílio Vicente. **Entre os campos e os escritos**: discurso e representação acerca da narrativa de brasilidade no futebol (1938- 1951). Universidade Federal de Ouro Preto.

<sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-graduação em História. 2021.

BOLSANELLO, Maria Augusta. **Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”**: sua repercussão na sociedade e na educação brasileiras. Educar, Curitiba, n. 12, p. 153-165, 1996. Editora da UFPR. Disponível em: [www.scielo.br](http://www.scielo.br)

BANDEIRA Gustavo Andrada, SEFFNER, Fernando. **Como homens narram a presença feminina nos estádios de futebol**. VII Seminário Corpo, gênero e sexualidade. Universidade Federal do Rio Grande. 2018.

BRAZ. Bruno. **Símbolo contra racismo, 'resposta histórica' é tratada como troféu no Vasco**. Revista UOL on line. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/>

CAMPOS, Flávio de, MORAES, José Geraldo Vinci de. **Como o brasil entra em campo**. Revista de História, São Paulo, n. 163, p. 129-135, jul./dez. 2010

CHAVES, Lincoln. **Ofensas a Vinicius Jr. fazem parte de histórico de racismo no futebol**. Agência Brasil. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/esportes>

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Regras de Futebol, 2018/2019**. FIFA.

CORNELSEN, Élcio Loureiro. **Memórias de jogadores do futebol brasileiro – Garrincha e Pelé**. REHR. Dourados, MS | v. 12 | n. 24| p. 66-89 jul. / Dez. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br>

DEL PRIORE, Mary. **História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais**. São Paulo: Unesp, 2009.

FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

GOELLNER. Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no brasil: discontinuidades, resistências e resiliências**. MOVIMENTO: Revista de Educação Física da UFRGS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil: 2021.

GOMES, Nilma Lino; MUNANGA, Kabengele. **Para entender o Negro no Brasil de Hoje**. São Paulo: Ação Educativa, 2004.

GUIMARÃES, Arthur Silveira, GUIMARÃES, Matheus Silveira. **O negro no futebol dos brancos: o caso marcante de Arthur Friedenreich**. Universidade Federal da Paraíba. 2019.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: Uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2009.

HORA, Geovanna Dourado. **O racismo no futebol brasileiro**. Revista avesso: pensamento, memória e sociedade. 2022, v. 3, n. 2. Disponível em: <https://doi.org>

LIPAROTTI, João Roberto. **UFRN na copa apresenta o que sabemos sobre o futebol**. EDUFRN. 2016. Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Brasil.

<sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

MACKEDANZ, Christian Ferreira, **Histórias de racismo no futebol do interior do RS.** UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS Escola Superior de Educação Física Programa de Pós-graduação em Educação Física. 2021.

MACKEDANZ, Christian Ferreira, FERREIRA, Elaine Tonini, SILVA, Gabriel Gomes da, BENDER, Lincoln Belmonte, AFONSO Mariângela da Rosa, RIGO Luiz Carlos. **O negro no futebol brasileiro: uma revisão sistemática a partir de periódicos nacionais da EF.** Universidade Federal de Pelotas (UFPel) Pelotas – RS – Brasil. 2020.

MARTINS, Mariana Zuaneti, SILVA Kerzia Railane Santos, Vasquez Vitor. **As mulheres e o país do futebol:** intersecções de gênero, classe e raça no Brasil. Revista de Educação Física da UFRGS. Porto Alegre, RS, Brasil: 2021.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Código brasileiro de justiça desportiva** – CBJD. Ministério do Esporte. Instituto Brasileiro de Direito Desportivo. Governo Federal. Brasil. 2010.

MUNANGA. Kabengele. Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia IN: BRANDÃO, André Augusto P. **Programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade Brasileira.** Ed. EDUFF, Rio de Janeiro, 2004.

MUNANGA, Kabengele. **Conceitos de raça, racismo e etnia.** Comissão de Direitos Humanos. USP. São Paulo. 2022.

NASCIMENTO, Paulo. **Histórico dos times.** Club de Regatas Vasco da Gama. Biografia resumida. Museu do Futebol. Centro de Referência do Futebol Brasileiro. 2013. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br>

NASCIMENTO, France Willian Ávila do, SANTOS, Andréa Araújo dos. **Entre chuteiras e racismo no futebol brasileiro:** uma luta antirracista para além do campo de futebol. Em favor de igualdade racial, Rio Branco – Acre, v. 6, n.1, p. 07-17, jan-abr. 2023

NASCIMENTO, Anna Tharyne de Almeida, ROCHA Fátima Niemeyer da. **A Inserção da Mulher no Futebol. Mosaico** - Revista Multidisciplinar de Humanidades, Vassouras, v. 12, n. 2, p. 69-77, mai./ago. 2021.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Domingos do Brasil:** futebol, raça e nacionalidade na trajetória de um herói do Estado Novo. Locus: revista de história, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 193-214, 2007.

PEREIRA, William E. Nunes, AZEVEDO, Luiz Vinícius de. **O futebol como um instrumento de inserção étnica no Rio de Janeiro: 1888-1930.** Vol. 18, n. 2, jul./dez. 2021. ISSN: 2527-2551 (online). Disponível em: [www.doi.org](http://www.doi.org)

PINHEIRO, Caio Lucas Morais. **Futebol de categoria e futebol suburbano:** o amadorismo “marrom” e a segregação socioespacial no futebol cearense. XXVII Simpósio Nacional de História. Conhecimento histórico e diálogo social. Natal. RN. 22 a 26 de julho de 2013.

<sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

PINTO, Igor Cauê Vieira de Oliveira, LIMA, Renan Pessina Gonçalves de. **A inserção do negro no futebol brasileiro e a análise da teoria do discurso - o caso da Associação Atlética Ponte Preta.** Universidade Estadual de Campinas.

RAVAGNANI, Fabrício Cesar de Paula, GARCIA, Alesandro, COELHO, Christianne de Faria, REIS FILHO, Adilson Domingos dos, VOLTARELLI, Fabrício Azevedo. **Avaliação física de jogadores de futebol pertencentes a diferentes categorias.** Revista Brasileira de Futsal e Futebol, São Paulo, v.4, n.11, p.67-73. Jan/Fev/Mar/Abril. 2012. ISSN 1984-4956

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire, **Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil.** Sociologias, Porto Alegre, ano 6, no 11, jan/jun 2004, p. 260-299 Disponível em: <https://www.infolivros.org/livros-pdf-gratis/esportes/futebol/>

ROMANO, Rogério Tadeu, **A eugenia e suas consequências na sociedade brasileira.** JUSBRASIL/ARTIGOS. 2020. Disponível em: [www.jusbrasil.com.br](http://www.jusbrasil.com.br)

SANTANA, Walmer. **Os Grandes do Gigante: a participação do negro na trajetória do Club de Regatas Vasco da Gama.** 2020. Disponível em: [www.vasco.com.br](http://www.vasco.com.br)

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)**

SILVA, Ana Paula da. **Pelé e o complexo de vira-latas: discursos sobre raça e modernidade no Brasil.** Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia. RJ. 2008.

SILVA, Fábio Henrique Alves da, PAULA, Paula Ângela de Figueiredo e. **Os Impactos do Racismo na Subjetividade do Jogador de Futebol Negro.** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, MG, Brasil. 2020.

SILVA, Joel. **Resposta Histórica do Vasco completa 99 anos: entenda por que o documento é marco contra a desigualdade.** Disponível em: [www.terra.com.br](http://www.terra.com.br)

SOARES, Antônio Jorge. **O racismo no futebol do rio de janeiro nos anos 20: uma história de identidade.** Rev. paul. Educ. Fís., São Paulo, 13(1): 119-29, jan/jun. 1999.

WESTIN, Ricardo. **Brasil criou 1a lei antirracismo após hotel em SP negar hospedagem a dançarina negra americana.** Edição 69. Sociedade. Agência Senado. 06/07/2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br>

WESTIN, Ricardo. **Futebol feminino já foi proibido no Brasil, e CPI pediu legalização.** Arquivos. Edição 103. Esporte. Agência Senado. 2023.

<sup>1</sup>Imitação de macaco – gesto com pulos iguais aos de um macaco, comparando-se esse animal com a pessoa de pele da cor preta, atitude usada nos estádios de futebol que sugere o racismo contra os jogadores negros.

## FOLHA DE APROVAÇÃO

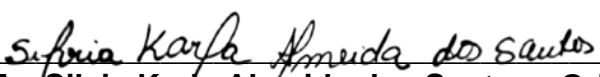
**INSERÇÃO DO NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO: A RELEVÂNCIA DO C. R. VASCO DA GAMA CONTRA O RACISMO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX**


**IAGO COUTO PASSOS SILVA**

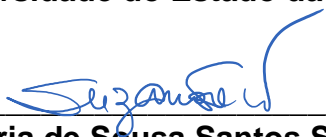
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de licenciatura em História, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Licenciado em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus V, Departamento de Ciências Humanas.

Aprovado em: 05 / 09 / 2023

Banca Examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Me. Silvia Karla Almeida dos Santos - Orientador**  
**Universidade do Estado da Bahia**

  
\_\_\_\_\_  
**Profª. Dra. Alaize dos Santos Conceição - Examinador(a)**  
**Universidade do Estado da Bahia**

  
\_\_\_\_\_  
**Profª. Dra. Suzana Maria de Sousa Santos Severs - Examinador(a)**  
**Universidade do Estado da Bahia**

**SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BA**  
**2023**